



Cacique Fongue FM: uma emissora comunitária indígena¹

Vera Lucia Spacil Raddatz²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS

Resumo

O estudo propõe o resgate da história da Rádio Cacique Fongue FM, a primeira emissora comunitária indígena do país, instalada na Reserva Indígena do Guarita, no Rio Grande do Sul, inaugurada pelo presidente Lula em abril de 2006. A partir da história, o texto permite compreender o impacto que causa a implantação de uma rádio comunitária em território indígena e o significado que isso adquire para o desenvolvimento das ações sociais e políticas no cotidiano da comunidade. Por outro lado, a pesquisa revela as influências que a rádio está causando na manutenção da cultura local e os processos de comunicação ali desenvolvidos.

Palavras-chave: rádio comunitária; reserva indígena; comunicação; cidadania.

Rádio comunitária: comunicação para a cidadania

O desenvolvimento das sociedades está diretamente relacionado às formas de comunicação e ao princípio do exercício da cidadania. López Vigil (2003, p.511) destaca a relação indissociável entre comunicação e desenvolvimento: “Estamos falando do protagonismo da cidadania nos planos de desenvolvimento. Fortalecê-lo é a melhor contribuição que podemos dar por meio de nossas rádios comunitárias”.

Quando os meios de comunicação trabalham temas e informações ligadas ao processo de desenvolvimento das comunidades onde estão inseridos, não só se aproximam dessas comunidades, como operam na reflexão sobre a gestão desse processo. Assim, podem criar possibilidades para uma melhor organização comunitária e maior participação dos cidadãos nos contextos em que atuam. Desenvolvendo as suas formas de expressão, tendem a ampliar os modos de participação na vida social, econômica e política, exercendo de fato sua cidadania.

A cidadania compreende o direito das pessoas não só se manifestarem, mas também aprenderem no coletivo, respeitando e valorizando o diferente e a diversidade. A socialização das idéias e dos desejos caminha paralelamente às transformações

¹ Trabalho apresentado na NP Mídia Sonora, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do PPGCOM da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Professora e pesquisadora da Unijui – Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS. verar@unijui.edu.br



sociais, rompendo aos poucos com a hegemonia e a dominação. Hoje, não se aceita mais o monopólio da comunicação e se briga pela democratização dos meios e pela pluralidade das vozes. Frente às desigualdades de toda ordem, registra-se uma nova maneira de movimento dos cidadãos na sociedade, e assim, a comunicação e as formas de exercer a cidadania também estão se modificando.

As rádios comunitárias, regulamentadas pela Lei 9.612/98 – restritiva na sua essência - são a expressão desse desejo de uma comunicação mais democrática e cidadã. Peruzzo (2004, p.257) afirma que “uma rádio comunitária necessita de algo mais do que simplesmente estar circunscrita a uma localidade e falar das coisas desta”. Entre as dimensões do que é comunidade chega-se à idéia da negação do individualismo em prol de uma organização coletiva em torno de interesses comuns, que permita a sociabilidade, a solidariedade e a construção de identidades culturais, políticas e históricas. Para Cogo (1998, p.51), “comunidade é o espaço privilegiado de construção e vivência dos valores fundamentais como a solidariedade, a união, ajuda mútua (...)”. Esses valores atuam como referenciais muito importantes para que os cidadãos compreendam a cultura da qual fazem parte na sua relação com a comunicação.

Os meios de comunicação podem funcionar, de acordo com Gentilli (2005, p.16) como “instituições sociais que, como organizações voltadas para a produção de informação pública, constituem-se em instrumentos de mediação e representação dos cidadãos”. Mas no caso de uma rádio comunitária, a produção da informação está mais vinculada à comunidade a que pertence do que comprometida com o âmbito da esfera pública. E esta é uma prática natural, pois um dos objetivos dessas emissoras é atender fundamentalmente aos interesses de sua comunidade, funcionando em primeira instância como um serviço de utilidade pública.

Em emissoras indígenas do México, por exemplo, que fazem parte do Sistema de Radiodifusoras Culturais Indígenas, operadas pelo Instituto Nacional Indígena, um órgão do governo mexicano, a função principal da comunicação é de serviço de utilidade pública, a qual se refere Rodriguez (2004, p. 176) como *correo del aire* e que se trata de uma função primordial do meio, tradicionalmente valorizada tanto por rádios comunitárias e culturais, como pela rádio comercial. Esses espaços podem ser olhados também como importantes para a formação da sociedade no sentido de que diferentes gêneros de cidadãos ocupem lugares, antes relegados a apenas quem tinha algum tipo de poder ou status. Outro exemplo que vem do México é citado por Barale (2004, p. 159) e refere-se às mulheres indígenas e campesinas que transcenderam os seus espaços



privados para ocupar espaços públicos, ou seja, as emissoras de rádio, e comunicarem as problemáticas de seu cotidiano. Ele considera que estas mulheres puderam por meio de programas de rádio construir novos espaços de interação, ampliando e melhorando suas perspectivas de vida e superando muitas de suas limitações.

No Brasil, contar com uma rádio comunitária dentro de uma reserva indígena, como a Cacique Fongue FM, na Reserva do Guarita, RS, é abrir novas possibilidades de comunicação e práticas a ela relacionadas que propiciem o desenvolvimento da comunidade e dos indígenas cidadãos que ali habitam, sejam eles homens ou mulheres. Os benefícios de poder operar um meio de comunicação e se apropriar das técnicas de produção e distribuição das informações, incidem diretamente no cotidiano dos indígenas que até então eram apenas espectadores dos processos de comunicação. Hoje, são emissores-receptores ativos, pois cultivam uma comunicação de mão dupla, porque ao mesmo tempo em que são emissores e produzem a própria pauta, são também a fonte e podem participar de todo o processo e interagir também como receptores.

Importante também, além do compromisso com a cidadania e a democratização da comunicação, dentro desse contexto, é a valorização da cultura local. Segundo Peruzzo (2004, p.258) a rádio comunitária “incentiva a produção e transmissão de programas que valorizem as manifestações da cultura local”. E a cultura indígena num país colonizado por europeus não é valorizada, o que produz nos índios um sentimento de inferioridade. Por meio da rádio, podem não só refletir sobre essas questões, bem como evidenciar a importância de sua cultura, resgatá-la por meio de projetos e programas, estimular iniciativas que visem à manutenção do pouco que resta, como a língua e os costumes. Desse modo estará também se comprometendo com a educação para a cidadania, através do conjunto da programação.

A cidadania reside numa sociedade organizada sob forma de direitos e deveres, sobretudo dos direitos humanos e dos deveres que dizem respeito ao compromisso com o comunitário e o espírito de cooperação. Conforme T.H. Marshall (1967, p.84) um dos primeiros a trabalhar essa noção, a cidadania exige “um sentimento direto de participação numa comunidade baseado numa lealdade a uma civilização que é um patrimônio comum”. Os direitos à cidadania devem ser iguais para todos numa comunidade nacional. E o direito à informação é um direito que incentiva a prática da cidadania e, portanto, muito importante para que se concretize a democracia.

A comunicação cidadã permite uma maior visibilidade do mundo e, dentro de uma perspectiva de transformação social, aproxima as pessoas dos fatos, estimulando-as



a participar de modo mais direto da gestão social da comunidade, sugerindo soluções para os problemas comuns e articulando as ações do cotidiano, por meio da livre expressão das idéias. Segundo Gentili (2005, p.93) a cidadania precisa fundamentar-se na inclusão e participação do indivíduo na sociedade e precisa “conferir a todo o membro da sociedade o igual direito de ser plenamente representado, de ter acesso aos mercados e participar da vida em comum e das decisões coletivas de forma plena”.

A comunicação cidadã deve contribuir para que haja transformação contínua a respeito do significado das coisas, dos valores, crenças e comportamentos. Isso evidencia a ampliação do conhecimento de mundo, o reconhecimento do outro e a construção da identidade cultural. Desse ponto de vista, as rádios comunitárias devem fomentar por meio de sua programação uma prática radiofônica que vai ao encontro dos princípios de uma comunicação cidadã.

Cabe agora relatar a experiência da rádio comunitária indígena Cacique Fongue FM, para melhor compreender como se dá esse tipo de comunicação na prática.

O contexto da reserva e a rádio

Quando você chega à Reserva Indígena do Guarita³ não se dá conta de que está em um local desta natureza a não ser quando se depara com as pessoas que ali habitam. Na sede do cacicado da reserva, localizada no Km 10, se aglomeram algumas casas, entre elas a do cacique, uma igrejinha, onde funciona parte da escola, pois o restante das aulas é ministrada numa espécie de galpão que eles chamam de CTG, o salão comunitário da aldeia, um posto de saúde, e outras pequenas construções que se posicionam em uma espécie de avenida de terra vermelha.

As casas não são feitas de barro ou cobertas de capim, mas habitações comuns de madeira e telha como muitas outras que encontramos em qualquer lugar do Rio Grande do Sul. As demais edificações são de alvenaria e de madeira, mas uma delas chama atenção por ali estar localizada a Rádio Cacique Fongue FM, que no dia 19 de abril de 2008 completou dois anos de atividades.

A Cacique Fongue é a primeira emissora comunitária indígena do país. Foi inaugurada em 19 de abril de 2006 pelo presidente da República Luis Inácio Lula da Silva, que não veio à reserva somente com este propósito, mas também para a inauguração da rede de energia elétrica, durante uma data histórica para os índios.

³ A Reserva Indígena do Guarita está localizada na região noroeste do Rio Grande do Sul e compreende 23.406 hectares de área que abrange os municípios de Erval Seco, Redentora, Tenente Portela e Miraguaí, onde residem 7.500 índios. É a maior área kaingang em extensão do estado e a mais populosa do país e também abriga 50 famílias de índios guaranis.



Valdonês Joaquim, de 26 anos, é o cacique mais jovem do país. Ele comanda a Reserva Indígena do Guarita com uma população de sete mil e quinhentos indígenas, dividida em 12 setores, tentando resolver todos os problemas, inclusive de comportamento de seus habitantes, como brigas de família e bebedeira. Mas ele diz que muita coisa mudou depois da existência da rádio, principalmente a agilidade para a comunicação com todos os setores. “Facilitou bastante, porque a liderança é sem remuneração nenhuma. Ela é uma cultura nossa, de ter o cacique e o coronel e essa liderança tem que avisar a comunidade das reuniões ou resolver problemas”, explica o cacique.

Ele considera relevante o fato de um presidente da República ter vindo à Reserva para inaugurar a rede de luz e a emissora de rádio: “Achei importante isso, pois é difícil até para os prefeitos trazerem o presidente... foi através de documentos e pedidos, mostrando a importância que tem essa área muito grande”.

Entre outras atribuições que o cacique tem, dentro da realidade que os indígenas vivem, seu papel é buscar de projetos e parcerias com o governo federal, estado e municípios para tentar realizar alguma obra que possa melhorar a vida da comunidade. Em primeiro lugar, o cacique tem de se envolver com a educação, a saúde e a agricultura. “Não podemos esquecer a cultura, a própria língua. O representante tem que falar em kaingang, para receber uma família e poder falar com ela e ver as necessidades que tem em todos os setores”, salienta Valdonês.

A fundação da rádio:

A Cacique Fongue FM nasceu de um desejo da comunidade indígena e foi implantada a partir de um projeto elaborado de acordo com as exigências de uma rádio comunitária. Os líderes da reserva, como de costume na cultura local, montaram o projeto reunidos com as pessoas mais idosas. Durante várias semanas de reuniões, discutiram uma proposta adequada para a emissora. Depois foi escolhida uma direção que se encarregou de fazer o projeto sair do papel. O diretor da rádio é o professor de Educação Física Amilton Mello, que se envolveu desde o início com esse projeto, e o enviou ao Ministério das Comunicações em Brasília. O projeto tramitou durante três anos até a emissora receber a autorização provisória para funcionamento, conforme salienta o diretor: “Conseguimos fazer com que a rádio hoje seja uma realidade. Não está registrada oficialmente ainda, mas provisoriamente está, pois foi inaugurada pelo presidente Lula”.



Na época em que a emissora estava sendo projetada foram considerados muitos aspectos para que a comunidade se decidisse por uma comunicação via veículo rádio. Um meio de comunicação falado se tornou a opção mais fácil para os indígenas, considerando a extensão da reserva e o fato de que existem analfabetos neste domínio. A linguagem oral, a familiaridade com o veículo rádio e a possibilidade de os próprios indígenas poderem participar da programação, fazendo a rádio funcionar, foram as principais razões para a decisão de instalar uma emissora comunitária. Considerando que não são necessários equipamentos sofisticados ou de tecnologia de ponta para que uma rádio desse caráter funcione razoavelmente, a Funai encaminhou a doação de um equipamento mínimo para a emissora.

A função da rádio:

A Cacique Fongue FM cumpre uma função bem primitiva de comunicação dentro da Reserva do Guarita. Dividida em setores, a comunidade não teria como se mobilizar em pouco tempo ou ficar sabendo de uma reunião ou de um acontecimento qualquer, como a chegada da vacina no posto de saúde, por exemplo, sem a rádio. O líder da comunidade, Lorenal Inácio acredita que a rádio é hoje a forma de comunicação mais imediata entre todos os setores da reserva. Antes de a emissora entrar no ar dependia das condições e do deslocamento de pelo menos três pessoas que tinham de percorrer todo o trajeto para dar os avisos e fazer os comunicados e isso demorava. E como os assuntos que fazem parte do dia-a-dia da rádio são os do cotidiano da reserva, não há restrições nos avisos. “Hoje a gente anuncia aqui tudo quanto é coisa”, afirma o líder Lorenal Inácio. Ele acha também que a rádio é muito importante para o desenvolvimento pessoal dos índios que nela trabalham como voluntários. Eles não têm nenhuma formação para isso, mas conseguem desenvolver sua comunicação e expressão por meio da emissora, porque precisam comunicar para outros e serem entendidos por eles.

A partir do momento de abertura da Cacique Fongue FM, a direção e os líderes da Reserva do Guarita acreditam que a forma da comunidade se comunicar se modificou visivelmente. A rádio passou a ser a forma determinante de comunicação nesse espaço, funcionando principalmente como um veículo de utilidade pública, mas também como entretenimento por meio da música. Os indígenas consideram útil a rádio porque podem divulgar rapidamente o que está acontecendo dentro da reserva. Agora, a batalha é pelo registro, a outorga oficial, cuja papelada está em processo de reelaboração.



Formação dos indígenas:

Dentro da reserva há uma preocupação com a formação educacional dos índios, inclusive vários deles são formados em cursos superiores como Letras, Pedagogia e Agronomia. Na reserva tem escolas de ensino fundamental, mas os jovens podem fazer o ensino médio nas cidades próximas como Tenente Portela e Miraguaí. As escolas que funcionam na reserva têm alguns professores bilíngües, isto é, que falam o português e o kaingang, numa tentativa não só de preservar a língua indígena, mas também de propiciar a compreensão de um segundo idioma, que na verdade, permite que os índios se insiram no mundo dos brancos. Além da língua kaingang, alguns índios se comunicam também em guarani, por causa de sua etnia. Conversando com as crianças indígenas da escola e com alguns professores se pode perceber que nesse processo muito já se perdeu da cultura aborígine e a influência da cultura branca e global é preponderante. Os indígenas sentem a necessidade de buscarem fora da reserva parte de sua formação. A maioria dos bens materiais que eles têm é proveniente da cultura dos brancos e um grande número dos que moram na comunidade fala português. Os próprios índios acreditam que, para crescerem e se desenvolverem, precisam sair da reserva e há até um incentivo dos líderes da comunidade para que eles tenham a continuidade de sua formação no ensino médio e nas universidades.

A idéia é de que o índio deixe de ser caracterizado como analfabeto e sem conhecimento fora da reserva. Pelo que tudo indica a preocupação dos líderes da comunidade não é só apenas com a preservação da cultura local, mas principalmente com a inserção do índio na sociedade como um todo, onde possa conviver de igual para igual com os brancos, sendo considerado e respeitado como cidadão. A rádio, nesse sentido, é um caminho para promover a educação e a cidadania, pois é um canal não apenas de comunicação, mas também de expressão, já que ela abrange uma área grande da reserva.

A proposta da emissora não tem nenhuma intenção de instituir um modelo de comunicação inédito ou de concorrência com as outras rádios que são ouvidas dentro da reserva, porque seu objetivo diz respeito à comunicação entre os indígenas e os diversos setores que constituem a Reserva do Guarita. “Este é um meio da gente se comunicar entre nós mesmos”, diz o diretor.

Para fazer a comunicação para fora da reserva, os índios contam também com o apoio do posto da Funai, localizado na cidade de Miraguaí, que estabelece a



comunicação com outros postos e com a central da Funai para a região, que está localizada em Passo Fundo.

Estrutura da emissora

Os equipamentos da emissora deixam a desejar e funcionam precariamente. Durante o primeiro ano de funcionamento da rádio, o estúdio resumia-se a uma pequena mesa com quatro canais, ligada a um aparelho de som capaz de rodar CDs e fitas cassete, com um microfone acoplado. Para poder dar o play no CD, o locutor-operador precisava inserir uma caneta na tecla que teimava em ficar presa dentro do aparelho. O microfone, marcado por muitas fitas adesivas para tentar impedir o mau contato, era único e produzia muitos ruídos quando o som ia para o ar. Para completar o equipamento, apenas alguns CDs – que não ultrapassavam uma dúzia – antena externa, o transmissor na sala ao lado, e um rádio na janela para transmitir o som para a rua em frente e servir de retorno para o locutor, que entre uma música e outra ficava na porta em frente ao lado da janela esperando o tempo passar.

Esse equipamento precário fazia as informações circularem com nenhuma qualidade de som. Mas os ânimos continuavam dispostos e esperando resultados por meio de projetos. Esta é a palavra que os líderes mais pronunciam na reserva como solução para conseguirem aquilo que pretendem. O diretor da rádio afirma que “hoje os projetos que são encaminhados a Brasília vêm, mas só por intermédio de associações. Se não tiver associação não tem projeto.”

E dentro desta perspectiva eles acreditam que quando a rádio receber a outorga definitiva, os equipamentos que estão previstos no projeto serão recebidos para que ela possa funcionar como deve ser. O projeto está ligado ao Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Energia Elétrica – Luz para Todos, instituído em 2004 pelo governo federal.

No mês de maio de 2008 a Cacique Fongue FM começou a operar a programação com um microcomputador usado e doado pelo Banco do Brasil à Funai para ser utilizado pela rádio. Desse modo, a rádio pode rodar outros materiais em mp3, por exemplo, e incrementar a sua programação com músicas armazenadas na memória do computador ou materiais produzidos e doados pelo curso de Comunicação Social da Unijuí, especificamente material produzido no curso de Jornalismo, nos componentes curriculares de Radiojornalismo. A universidade já atua na Reserva com programas de incentivo à cultura e à educação indígena.



Programação:

A programação da Rádio Comunitária Cacique Fongue FM atende aos interesses da comunidade que a criou. Não há nenhuma entidade externa que se envolve com a programação da rádio. Os indígenas, dentro daquilo que querem ouvir na rádio, e sem nenhuma experiência além do que sintonizavam em outras emissoras, colocaram a rádio no ar. O diretor buscou na comunidade interessados que levavam jeito para trabalhar. “A gente montou a programação de acordo com o que a comunidade desejava”, salienta Amilton.

A emissora é da comunidade e, portanto, qualquer um dos indígenas que queira participar da programação tem liberdade para fazê-lo. O que um sabe vai ensinando para o outro. A partir do interesse é aberto um espaço para ele se expressar livremente. Se demonstrar que tem jeito, fica o tempo que quiser. Como é um trabalho voluntário, há rodízio frequente dos locutores. Dos cinco que faziam a programação em maio de 2007, permanecia apenas um deles em maio de 2008.

Mesmo sem nenhum tipo de produção mais elaborada, os locutores são orientados a cuidarem aquilo que falam. São constantemente lembrados que a emissora é comunitária, portanto é preciso divulgar aquilo que é bom para a comunidade, o resto não interessa. Eles não se preocupam em divulgar para os indígenas da reservas as informações que normalmente seriam ditas em outras emissoras de rádio. Não lêem jornais ou vêem TV para, a partir disso, selecionarem outras informações que se tornariam possíveis pautas para a rádio. A pauta constitui-se de avisos, anúncios de utilidade pública ou alguma outra informação que diga respeito a eles, ou interfira na vida cotidiana da reserva.

A rádio abre às sete da manhã e encerra sua programação às oito da noite. Começa com música e termina com música, variando os locutores entre um horário e outro. O idioma oficial da rádio é o português, mas os locutores são bilíngües para que possam transmitir em kaingang também os avisos, pois a maioria dos indígenas que ouvem a rádio não fala fluentemente em casa o português, por isso é importante os locutores serem bilíngües. Inclusive havia um locutor que também falava o guarani, e isso facilitava para quem só entende em guarani. Agora ele não está mais na emissora e a direção ainda não conseguiu nenhum outro indígena que fale guarani e se disponha a fazer a programação. É comum os indígenas terem vergonha de se expor ao microfone, pois são tímidos e reservados.



A emissora veicula programas de cultura na língua kaingang, mas não é uma rotina, nem tem regularidade. Vão ao ar ainda programas religiosos evangélicos, pois alguns índios da reserva cultuam outras religiões fora de sua cultura. A rádio procura abrir espaço para todos. O cacique, as lideranças indígenas também se manifestam por meio da rádio sempre que desejarem, desde que tenham informações importantes para a comunidade.

Outro espaço importante ocupado dentro da rádio é o das escolas. Por meio de uma organização prévia, durante o ano letivo, as escolas dos doze setores da reserva podem apresentar seus programas na rádio. Durante um dia por semana, elas têm oportunidade de divulgar o que estão fazendo no dia-a-dia da escola. É um espaço valorizado para a educação, pois é uma maneira diferenciada que as crianças e os professores indígenas têm para desenvolver a sua capacidade de expressão e contribuir para a formação daquela comunidade.

A questão da saúde é uma preocupação muito grande das lideranças locais e a rádio tem sido um lugar para a orientação. As equipes de saúde podem usufruir da programação para divulgar informações que possam servir a esse fim para os índios. Essa função que a rádio desempenha além de comunicar é muito significativa para a comunidade. O diretor Amilton acha que isso colabora para mudar a forma de pensar da comunidade, e de ela se expressar também.

A música que roda na programação da emissora, para surpresa dos que vêm de fora e ouvem a rádio, não é muito diferente porque a rádio é indígena. Quem espera ouvir sons da cultura guarani ou kaingang, fixa o ouvido para ter certeza de que o que está ouvindo é mesmo uma música de bandinha⁴. Quanto ao aspecto musical, a rádio é como muitas outras da região, com ênfase para os estilos bandinha e sertanejo. Uma das razões para esta marca é o número de CDs que eles têm desses estilos musicais. Como não há nenhuma verba destinada para a compra de CDs, os poucos que eles têm são a maioria nesse estilo. Inclusive os pedidos que chegam pelo celular da rádio evidenciam a preferência por esse tipo de música. Apenas dois CDs são em kaingang e guarani, recebidos por uma doação feita de Porto Alegre. A direção confirma que até procura esse tipo de material quando viaja à capital, mas não é muito fácil encontrar. Edições de livro em kaingang também são divulgadas, inclusive um deles conta histórias na língua materna que de vez em quando são lidas na emissora, de modo que os que só falam

⁴Música de bandinha – estilo musical muito executado no sul do Brasil, com uso de instrumentos de sopro e influência do folclore germânico.



kaingang possam sentir-se estimulados a ficarem mais próximos da rádio e até, quem sabe, vir a se expressar por meio dela.

A rádio recebeu um celular como doação para as ligações dos ouvintes. E os ouvintes participam, geralmente fazendo pedidos musicais de vários setores da reserva. Além disso, os locutores recebem também cartinhas.

Principais dificuldades:

Como na maioria das emissoras comunitárias e sem fins lucrativos, os principais problemas da Cacique Fongue FM são de ordem econômica e estrutural. A rádio ainda não recebeu a outorga definitiva e o equipamento adequado para que a funcione em condições razoáveis e por isso tem dificuldades na transmissão e manutenção da programação. O prédio, ainda inacabado, é próprio e é necessário mantê-lo em condições de funcionamento, pagando energia elétrica, fazendo a limpeza e a manutenção. Não há recursos para investir na melhoria do equipamento, não tem como adquirir nem mesmo o básico como um gravador ou pilhas, CDs, material de consumo e muito menos como investir na formação das pessoas que trabalham na rádio. As lideranças locais concordam que para um trabalho mais eficiente, o ideal é que os locutores pudessem ter um mínimo de valorização financeira pelo serviço que prestam à comunidade. Eles não têm experiência, tudo é novo para eles e para a direção, fato que os deixa inseguros até para pôr a programação no ar. Um dos entraves também para o desenvolvimento da rádio é a lei das emissoras comunitárias que faz restrições aos investimentos publicitários para empresas de fora da comunidade. “Só posso pegar apoio cultural no raio de um quilômetro. E para nós aqui no interior, no raio de um quilômetro não tem nada. Tem aqui uns minimercados, mas é um troquinho que entra. No interior essa lei não te permite se manter”, destaca o diretor.

O sonho dele é deixar a rádio legalizada até o fim de 2008, quando encerra seu mandato, embora possa ser reconduzido ao cargo. Mas se entrar outro diretor, ele ressalta que a preocupação seria a mesma. A comunidade não se vê mais sem a rádio. “Não conseguimos mais imaginar a nossa comunidade sem a rádio. A aceitação da rádio foi muito boa. A comunidade fala o que ela quer. O pessoal tá vendo que a rádio foi um progresso”, diz Amilton.

Entre outros aspectos, a rádio também não mantém nenhum arquivo sonoro ou escrito daquilo que foi ao ar até hoje. Não há nada registrado, além da documentação encaminhada para o Ministério das Comunicações. Nem mesmo um caderno com anotações das pessoas que foram entrevistadas, dos assuntos discutidos. Mas a idéia é



de que isso possa ser melhorado com o tempo e a formação dos locutores, através de cursos e especialização fora da reserva.

Perguntado a respeito do que um cacique poderia fazer pela rádio, Valdonês Joaquim é categórico: “A rádio foi uma escolha da comunidade e não apenas uma vontade minha. O cacique pode ir atrás de parcerias para ajudar a rádio. Estamos acostumados com a rádio, seria um retrocesso não tê-la”.

Nos microfones da Cacique Fongue FM:

Edemar Pinto, de 21 anos, diz que gostava de ouvir os locutores falando quando escutava as rádios de Tenente Portela e outras emissoras. Seu sonho era ser locutor, até que surgiu a oportunidade nessa comunidade indígena. “O que eu mais sonhei era ser um locutor pra sempre, né. Sempre que tocava o rádio lá em casa eu tentava ser o locutor, eu abaixava um pouco o volume e começava a falar sozinho”, conta Edemar. Assim ele foi aprendendo um pouco da linguagem do rádio para depois tomar coragem e falar com o diretor. Em sua permanência pela rádio fez o horário das 10h às 12h, tocando sucessos sertanejos, bandas, e divulgando avisos. Mas ele também tem outros planos, como preparar-se para ser professor na reserva.

A locutora Daiane Sales, de 20 anos, responsável pelo programa Tarde de Alegria, do meio dia até às duas da tarde, é a única locutora que permanece na emissora entre aqueles que lá estavam em maio de 2007. Para ela, a história de fazer rádio na reserva começou do mesmo jeito que para os outros. A rádio está funcionando, uns vão saindo, outros entrando. Basta manifestar o interesse, falar com o diretor e fazer uma experiência. Daiane está lá há mais de um ano. Nos primeiros dias, ela conta que sentia muita dificuldade, mas que logo superou. Ela atende aos pedidos musicais que chegam por carta e celular. Pretende ficar na rádio até que surja outra oportunidade melhor em sua vida.

A ex-locutora Armíndia além de falar sobre a sua experiência na rádio, que se assemelha a dos outros colegas, explica sobre como é o dia-a-dia de um jovem indígena. Ela estuda no ensino médio em Tenente Portela, cidade vizinha, à noite. Na reserva não há biblioteca nem internet para pesquisar. Os jovens podem sair no fim de semana para outras localidades ou setores para se divertirem, como em bailes por exemplo. Às vezes fazem jogo de futebol inclusive entre as mulheres. O fato de ter sido locutora não mudou muita coisa na sua vida, a não ser o fato de ter desenvolvido melhor sua comunicação. Diz que para o que fazia na rádio não sentia falta de um curso de locução, mas gostaria de fazer, se tivesse oportunidade.



A comunidade e a rádio:

Por ocasião de uma visita que foi feita à rádio em 2007, aproveitamos para conversar com as pessoas que residem ou estudam próximo da emissora no setor 10. A rotina na localidade é os homens trabalhando na lavoura e as mulheres cuidando da casa e dos filhos pequenos. A maioria ouve a rádio mais no horário da tarde quando as tarefas mais importantes já estão feitas. Marli escuta bastante a rádio. Para ela, a programação é boa, e prefere os avisos. Jocelene também escuta bastante rádio, mas principalmente as músicas sertanejas. Iraci ouve rádio de manhã quando levanta. Escuta música, as homenagens e os avisos. “É uma coisa que a gente conseguiu para a nossa reserva e agora nós temos”, salienta. José conta que só ouve a rádio de vez em quando, quando tem tempo, mas a considera muito importante para a comunidade. “Dentro da área é uma grande vitória que nós conseguimos”, confirma. O menino Oséias sabe da existência da rádio e a escuta. Michele, não sabe a idade que tem, mas sabe que tem uma rádio e gosta de ouvir música em companhia da mãe em casa.

Dentro da escola, as crianças conhecem a rádio e contam que o que mais gostam são as músicas. O professor Edemar Sales explica que procura acompanhar a rádio, principalmente porque é uma forma de manter-se atualizado quanto às informações sobre o que acontece na reserva.

Considerações finais:

Uma rádio comunitária dentro de uma reserva indígena representa muito mais do que um meio que serve à comunicação entre os diversos setores da aldeia, embora os índios citem constantemente esse papel como fundamental. Na Reserva do Guarita, a chegada da Cacique Fongue FM expandiu não só as possibilidades de comunicação e expressão, como fortaleceu a auto-estima dos indígenas e propiciou que sua cultura fosse valorizada.

A emissora abriu a possibilidade de os indígenas desenvolverem a sua expressão e comunicação pessoal, à medida que propiciou a democratização do poder de comunicar, pois os próprios índios da aldeia tiveram que treinar ao microfone e aprender a comunicar. Desse modo eles também produzem cultura e adquirem expressividade. O fato, por exemplo, de inserir as escolas da aldeia na programação, com as crianças e professores fazendo rádio, é uma prática muito saudável para o exercício da cidadania e para o reconhecimento de si e da realidade a sua volta.

As formas de participar dos processos de comunicação podem variar. Peruzzo (2004, p. 59) afirma que “a participação das pessoas pode tanto concretizar-se apenas



em seu papel como ouvintes, leitores ou espectadores, quanto significar o tomar parte dos processos de produção, planejamento e gestão da comunicação”.

Essa participação de vários segmentos da comunidade indígena dentro da rádio, produzindo programas, apesar das limitações, gera reconhecimento por parte da sociedade como um todo e estabelece um vínculo orgânico com a comunidade local.

A linha editorial e a perspectiva político-ideológica adotada pela rádio permitem que seja definido como pauta apenas aquilo que interessa e é considerado importante para a comunidade, sem qualquer influência externa ou determinação oriunda de algum órgão ou entidade. Isso desenvolve nos indígenas o senso de auto-suficiência e liberdade, qualidades que a imposição da cultura do homem branco havia esmaecido, e cria a sensação de poder. Não um poder gerado para o autoritarismo, mas um poder que concede autonomia e estimula o desenvolvimento e transforma os receptores das mensagens em ativos emissores. Eles participam do processo de decisão sobre o conteúdo que vai para o ar, sem a imposição de uma equipe de direção, como ocorre normalmente nos canais tradicionais.

Por outro lado, fica evidente pelas entrevistas que os indígenas manifestam desejo de igualdade em relação ao homem branco, principalmente no aspecto da formação e dos direitos do cidadão. Acreditam que somente com a educação podem atingir um patamar de maior qualidade, até mesmo para dirigir e fazer a rádio funcionar como gostariam, com melhores condições técnicas e recursos humanos mais qualificados. O que não sabemos de fato, ainda, é até que ponto a cultura indígena resistiria ao impacto dessa formação.

Por mais dificuldades que possa enfrentar, hoje, a rádio comunitária Cacique Fongue FM é patrimônio da Reserva do Guarita e essencial para a articulação das questões indígenas internas da comunidade. É um canal aberto de discussão, que possibilita aos habitantes da aldeia praticar uma comunicação mais democrática e plural. Uma rádio comunitária é assim um desafio diário e constante na tarefa de repensar a condição da comunidade e a manutenção da luta para a conquista da cidadania, de forma crítica e relevante, com a participação dinâmica e ativa de todos os membros da comunidade, influenciando na construção de uma sociedade mais igualitária.

Referências

BARALE, Ana Maria Peppino. Mujeres indigenas toman la palabra...radiofónica. In: PERUZZO, Cicília Maria Krohling(org.). **Vozes cidadãs: aspectos teóricos e análises de**



experiências de comunicação popular e sindical na América Latina. São Paulo: Angellara Editora, 2004.

COGO, Denise Maria. **No ar uma rádio comunitária**. São Paulo: Paulinas, 1998.

GENTILLI, Victor. **Democracia de massas: jornalismo e cidadania: estudo sobre as sociedades contemporâneas e o direito dos cidadãos à informação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

INÁCIO, Lorenal. **Entrevista pessoal**. Reserva do Guarita, RS, maio de 2007.

IRACI, Índia. **Depoimento**. Reserva do Guarita, RS, maio de 2007.

JOAQUIM, Cacique Valdonês. **Entrevista pessoal**. Reserva do Guarita, RS, maio de 2007.

JOCELENE, Índia. **Depoimento**. Reserva do Guarita, RS, maio de 2007.

JOSÉ, Índio. **Depoimento**. Reserva do Guarita, RS, maio de 2007.

LÓPEZ VIGIL, José Ignacio. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. São Paulo: Paulinas, 2003.

MARLI, Índia. **Depoimento**. Reserva do Guarita, RS, maio de 2007.

MARSHAL, Thomas H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

MELLO, Amilton. **Entrevistas pessoais**. Reserva do Guarita, RS, maio de 2007 e maio de 2008.

MICHELE, Menina Índia. **Depoimento**. Reserva do Guarita, RS, maio de 2007.

OSÉIAS, Menino Índio. **Depoimento**. Reserva do Guarita, RS, maio de 2007.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

PINTO, Edegar. **Entrevista pessoal**. Reserva do Guarita, RS, maio de 2007.

SALES, Daiane. **Entrevista pessoal**. Reserva do Guarita, RS, maio de 2007.

RODRIGUEZ, José Manuel Ramos. Los programas de avisos em las radiodifusoras indigenistas de México: espacios de reproducción de la etnicidade. In: PERUZZO, Cicília Maria Krohling(org.). **Vozes cidadãs: aspectos teóricos e análises de experiências de comunicação popular e sindical na América Latina**. São Paulo: Angellara Editora, 2004.

SALES, Edegar. **Entrevista pessoal**. Reserva do Guarita, RS, maio de 2007.